

O TEMPO DA ADOLESCÊNCIA¹

The time of adolescence

KÁTIA WAGNER RADKE

RESUMO: Este trabalho se propõe a pensar na adolescência atual, na sua articulação com o mundo adulto e com a cultura. Considera-se na dificuldade encontrada pelos jovens de poderem ter nos adultos modelos identificatórios inspiracionais, à medida que a juventude parece estar tendo um papel de ícone na cultura contemporânea. Pensa-se ainda sobre a adolescência e as relações virtuais, nas quais parece estar havendo uma aceleração do tempo. A ideia de Benjamin acerca do tédio é equacionada com uma certa necessidade para os tempos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência, adultescência, temporalidade, tédio.

ABSTRACT: This work proposes to think about the current adolescence, in its articulation with the adult world and with the culture. We think about the difficulty faced by young people in being able to have inspirational identification models in adults, while youth seems to be playing an iconic role in contemporary culture. We also think about adolescence and virtual relationships, where time seems to be accelerating. Benjamin's idea of boredom is equated with a certain need for current times.

KEYWORDS: adolescence, adultescence, temporality, boredom.

Introdução

Boa tarde a todos e a todas! Quero expressar o meu agradecimento especial à Letícia que, em nome da atual Diretoria do Ceapia, me concedeu a honra de estar aqui hoje nesta atividade de abertura do ano científico de 2022.

Dentre os vários vértices que irei abordar, um deles discorrerá acerca da importância do processo de historicização no contexto da percepção da passagem do tempo na adolescência.

Inevitavelmente, sinto vontade de historicizar-me para iniciar esta apresentação: o Ceapia foi o início da minha história de amor pela infância e pela adolescência. Instituição pela qual sinto uma eterna gratidão e cujos ensinamentos que lá obtive, de modo extremamente consistente, são, certamente, pilares importantes da minha edificação profissional. Obrigada, então, ao Ceapia por fazer

¹ Trabalho apresentado na aula inaugural do curso de formação em psicoterapia de infância e adolescência de 2022.

parte da minha vida e por estar me concedendo a honra de estar aqui hoje, a qual pretendo poder retribuir, compartilhando com vocês um tanto da minha trajetória teórico-clínica, sobretudo neste momento, aquela relacionada com a adolescência. Quero salientar que essa tarefa não é fácil, pois diante do sólido e denso conhecimento que o Ceapia oferece a todos que por ele passam, terei de fazer um grande esforço para oferecer algo consistente para vocês. Mas, estou imbuída de um grande desejo de colaborar.

Neste momento, sinto-me emocionada e me vem à mente um trecho de uma composição de Caetano Veloso: *Oração Ao Tempo*. “Tempo, tempo, tempo compositor de destinos, tambor de todos os ritmos. Por seres tão inventivo e pareceres contínuo, é um dos deuses mais lindos...” (Veloso, 1979). Ao longo desta apresentação, vou me referir a alguns psicanalistas que fazem parte do meu caminho, do meu trajeto como psicanalista e como pessoa. Certamente, todos são muito conhecidos e/ou familiares a vocês e imprescindíveis para todos nós.

Iniciarei por Winnicott (1975), por sua teoria do amadurecimento, na qual refere que todo o ser humano é dotado de uma tendência para o amadurecimento. Porém, para que esse aconteça é necessário que haja uma articulação suficientemente boa entre o sujeito e o ambiente.

Para Winnicott (1975), o adolescente é e deve ser imaturo! A imaturidade é um elemento essencial da saúde mental da adolescência. Este psicanalista nos ensina que “só há uma cura para essa imaturidade: a passagem do tempo!”. Obviamente, dentro de um contexto de desenvolvimento emocional adequado.

Por falar em passagem do tempo, penso ser importante compartilhar com vocês um pouco das minhas reflexões acerca do processamento do tempo na contemporaneidade, sobretudo pelo prisma da adolescência.

Knobel e Aberastury (1974) nos oferecem um rico aporte sobre características e tarefas esperadas para este tempo do desenvolvimento físico-psíquico, dentre elas: luto pelo corpo infantil, luto pelos pais da infância, marcante tendência grupal, busca pela identidade, além de outros, há um conceito menos conhecido, mas não menos importante e que muito me auxilia na minha clínica: o conceito de deslocalização temporal, o qual refere-se à adolescência sob a predominância do pensamento primário, em que as urgências são enormes, enquanto as postergações mostram-se, aparentemente, impossíveis e intoleráveis. Entendo que essa ideia se relaciona a uma certa necessidade do adolescente de se defender da passagem do tempo e de seus lutos inerentes.

Penso eu: desse modo, é possível manter a ilusão de que segue criança, negando assim o envelhecimento e a morte dos pais. Claro que não perco de vista a ambivalência em relação ao tempo, pois assim como se defendem paralisando-o, em outros momentos o aceleram, talvez, contrafobicamente, passando por cima do presente e transportando-se para o futuro na onipotência de um passe de mágica:

Giovana², 14 anos - Já decidi: "... vou me mudar para SC e vou escolher a minha escola... tô nem aí para a opinião dos meus pais!".

Para Knobel e Aberastury (1974), a superação da deslocalização temporal é uma das tarefas mais importantes da adolescência. Assim, refletindo sobre esse conceito tão típico desse período da vida, mas também tão necessário de ser suplantado, tenho pensado em algumas questões articuladas com a contemporaneidade.

Por exemplo: quais podem ser os efeitos da aceleração do tempo, da urgência da vida *online*, de 24 horas da rede e na rede? Não tenho uma resposta, mas penso que o futuro poderá nos mostrar questões alusivas à subjetivação que se precipitarão com a passagem do tempo.

Tendo em vista que os adolescentes estão intensamente permeados e submersos em suas transformações corporais e psíquicas, entende-se que vivam um certo afastamento do tempo cronológico.

Penso, no entanto, que essa situação pode se mostrar mais contundente ou, por que não, mais complicada diante das transformações que a sociedade atual tem vivido na sua relação com a concepção da passagem do tempo. É preciso ressaltar que a cultura contemporânea, em um certo aspecto, parece estar tornando mais difícil, para os jovens, a superação da deslocalização temporal. Assim, é importante deixar claro que penso que em todos os tempos da humanidade há aspectos favoráveis e desfavoráveis.

Em qual ou quais aspectos estou me referindo a esta menor facilitação promovida pela cultura atual?

Há algumas décadas, temos assistido à ascensão da juventude ao *status* de ícone, tornando-se um certo ideal para o mundo adulto, revelando talvez o desejo da juventude eterna como a face explícita da defesa inconsciente contra a finitude. Ao contrário de épocas passadas, nas quais o envelhecimento era articulado com a ideia de maior experiência e de mais sabedoria, atualmente parece ser algo rechaçado e intolerável, enquanto a beleza do corpo jovem passou a ser uma grande meta.

Em função desse fenômeno, no final dos anos 90, foi criado o termo *adulescência*³, que caracteriza pessoas na faixa etária entre 35 e 45 anos de idade que vivem mergulhados na cultura adolescente e com extrema dificuldade de renunciar à juventude. Portanto, nesse contexto, penso que se faz necessário que possamos refletir sobre como os adolescentes lidam com a falta de modelos identificatórios adultos? Como vão prospectar-se como adultos, à medida que os adultos do seu entorno desejam ser adolescentes?

A partir da experiência clínica, tenho pensado neste cenário como um potencial gerador de um estado de desamparo que parece comprometer o processo de subjetivação dos jovens. Seja pela questão da confusão tempo-geracional que este fenômeno produz, como pela evidente orfandade de modelos adultos

² Utilizam-se nomes fictícios para preservar o sigilo.

³ *Adulescência* é um neologismo que surgiu na Inglaterra nos anos 90.

inspiracionais consequentes da vacância de figuras adultas na sua essência. O projeto de vir a ser do tempo futuro parece estar sendo prejudicado.

Assim, com um certo borramento da necessária alteridade que deve ser exercida pelos adultos, os adulescentes ao não se oferecerem como cuidadores ou, na conceituação de Bowlby (1989) como uma base segura, dificultam o processo de discriminação e a tarefa do adolescente de romper com o mundo endogâmico rumo ao exogâmico.

Deste modo, quando os adultos do entorno, alimentam a ilusão de juventude eterna, acabam por deixar vago o lugar da figura estruturante tão necessária para o adolescente.

Parece-me que cabe aqui uma pequena citação de Hanna Arendt (2001, p. 242):

Será somente no encontro com o 'velho' (entendo que no sentido do já estabelecido) é que a geração que chega poderá construir o novo. Assim, quando quem deveria deixar-se envelhecer, não o faz, torna difícil a possibilidade dos jovens para sentirem-se livres para criar o novo.

Neste contexto, complemento com o pensamento de Winnicott (1975) quando se refere à imaturidade como um ponto precioso da adolescência, “a sociedade precisa ser abalada pelas aspirações e pela criatividade daqueles que não são responsáveis”. O conselho que dá à sociedade, por amor aos adolescentes, é o seguinte: “não lhes permitam crescer e atingir uma falsa maturidade, exigindo-lhes uma responsabilidade que ainda não é deles” (p. 198). E o meu conselho, por amor aos adolescentes, pautando-me na teoria winnicottiana é: Pais, deixem-se ser assassinados por seus filhos adolescentes e sobrevivam permitindo-se serem usados por eles! Só assim, entendo que permitiremos que a concepção da ideia de passagem do tempo fará seu trajeto abrindo espaço para historicização e para o processo criativo juvenil. Para Winnicott (1975), o desenvolvimento saudável do adolescente implica na fantasia de assassinato dos pais, no sentido da despedida dos pais da infância.

Entendo que as construções criativas dos jovens se assentam, predominantemente, no solo fértil deixado pelos pais ou pelas figuras substitutas. Somente após os pais se deixarem ser assassinados é que o vir a ser do futuro parece avolumar-se.

É preciso que pensemos que, quando esse assassinato não acontece ou acontece precariamente, é provável que se instale um certo borramento das diferenças geracionais; no meu ver, esse cenário tem estado muito presente na atualidade. Cenário, esse, que me parece estar acarretando um maior sofrimento para os nossos jovens, quiçá prolongando tanto a adolescência que, por vezes, pode tornar-se interminável.

Deste modo, é importante salientar que, enquanto o desenvolvimento estiver em curso, a responsabilidade deve ser assumida pelas figuras parentais. Se essas figuras abdicarem de suas responsabilidades, o risco recairá sobre a tendência de o adolescente assumir uma falsa e antecipada maturidade, perden-

do, assim, sua maior vantagem: a de ter a liberdade de se arriscar em novas e originais ideias.

Gostaria de complementar valendo-me da conceituação de Bion (1997) acerca de mudança catastrófica, a qual entendo como algo novo que traz consigo um potencial disruptivo capaz de abalar a estrutura preexistente, abrindo espaço para uma nova condição.

É assim que penso ser o tempo de uma adolescência saudável, aquela que é capaz de promover mudanças que oportunizem um incremento da criatividade e de transformações. Entendo que a adolescência precisa ser e ter algo de disruptivo: no seu sentido de ruptura, de separar... É preciso que o jovem rompa com o padrão vigente, com o modelo infantil, pois só assim ele poderá ter acesso ao ciclo da vida! É preciso que tolere e que seja estimulado pelas figuras adultas a se descolar de sua identidade infantil, deixando-a guardada nas gavetas de seu mundo interno, para que mais tarde possam ser acionadas como o infantil que habita todo adulto!

Agora é a hora de mexidas e remexidas no solo do mundo interno, onde reis e rainhas começam a perder seus tronos e suas coroas!!

Pandemia e incremento da vida virtual

A intensidade do uso e da expansão cibernética tem mudado a vivência de tempo. O Homem que, desde o seu nascimento, estratificou o conceito de tempo a partir de intervalos biológicos de sono, vigília, alimentação e de outras necessidades parece estar vivendo, atualmente, um certo frenesi com essa nova dimensão cibertemporal.

Penso que estamos, cada vez mais, expostos a um imediatismo, a uma aceleração temporal, talvez estejamos vivendo um certo encolhimento do tempo. Aqui, reporto-me a Walter Benjamin (1994) na sua concepção acerca do empobrecimento da dimensão da experiência, pois, para esse pensador, a riqueza de uma experiência é incompatível com uma rapidez excessiva e com a sobrecarga de estímulos que incidem sobre o consciente.

Neste momento, é inevitável que eu estabeleça uma conversa⁴ entre Benjamin e Freud, sobretudo na sua carta 52: na relação enfatizada entre a percepção e a memória, em que o excesso da primeira pode comprometer a criação de memórias, dos registros mnêmicos propriamente ditos. Deste modo, vejo-me pensando sobre os tempos atuais, sobre os excessos.

Sobretudo acerca dos excessos de estímulos imagéticos que podem ser capazes de inundar a mente adolescente, ocupo-me, então, das possíveis dificuldades que os jovens (e não só os jovens!) estão vivendo para alicerçarem memórias e, então, construir e narrarem suas histórias. Benjamin (1994) referiu-se a um empobrecimento da dimensão da experiência, reportando-me à teoria freudiana,

⁴ Conversa entre Benjamin e Freud é uma ficção criada por mim.

penso em estreitamento do pré-consciente em função de uma sobrecarga sobre o consciente, já quando penso pelo prisma da teoria winnicottiana, poderíamos supor algum risco sobre o espaço potencial.

Gosto da ideia de Benjamin (1994) acerca do tédio em oposição à temporalidade veloz, aquele que encurta o tempo e impossibilita ou impede a decantação da experiência. Essa teorização me convida à articulação com a ideia de moratória proposta por Erikson (1976) e Knobel (1973) como um tempo necessário para que o adolescente experimente uma transição na qual se estabeleça a possibilidade de vincular tolerância e desfrute da experiência de ficar só (não solitário!) como algo tão saudável quanto a vivência de pertencimento a um grupo.

Ainda para Benjamin (1993), tédio está associado à distensão do tempo, como algo necessário para a riqueza da dimensão da experiência. Diante disso, proponho-me a pensar, sobre o prisma da adolescência, o quanto a cultura atual evita este estado de tédio, quiçá, além de evitá-lo, aterroriza-se diante do mesmo.

Talvez, nós, profissionais da saúde mental, precisaremos realocar a concepção de tédio, bem como, de uma certa irresponsabilidade como aspectos necessários e fisiológicos da adolescência. O tédio, na minha concepção, associa-se à dor e aos lutos que sabemos que precisam ser experimentados pelos adolescentes.

Vou trazer algumas vinhetas do período de 2020-2021/pandemia para pensarmos na concepção do tempo, a sensação de que o depois não existe e que é agora ou nunca, parece ter fomentado uma verdadeira desesperança (sobretudo na articulação com a sexualidade) durante a pandemia. A ideia não é a de patologizar, mas também não podemos banalizar as vivências e os possíveis efeitos trazidos pela pandemia.

VIVIANA (13 anos): “me sinto muito azarada, bem no ano que iriam começar as resenhas, nada vai acontecer”.

GENARO (14 anos): “eu que sonhava que com 15 anos iria ter minha primeira transa, acho que nem beijo vai rolar”.

Aproveito estas vinhetas para referir um outro aspecto, quiçá uma outra tarefa da adolescência: a saída do mundo endogâmico rumo à tecitura da vida exogâmica. Então, com a pandemia, algo na direção contrária parece ter-se estabelecido, ao invés do tão esperado tempo de sair, de “romper” com o domínio da vida nuclear, a pandemia trancafiou os jovens em um convívio endogâmico. Não sabemos bem quais serão as consequências disso, mas creio que algo ao nível da discriminação, da sexualidade e, portanto, da identidade, pode estar em marcha. Vamos precisar redobrar nossa atenção e escuta, pois os contatos virtuais que, em geral, “acontecem dentro do espaço familiar”, ocuparam o lugar dos encontros reais permeados pelo corporal e que aconteciam “fora de casa”.

MARIANA (13 anos): “... tô odiando minha mãe, agora, ela tá o dia inteiro em casa...ela sabe tudo o que eu faço. Antes, ela e eu saíamos, agora não vejo mais ninguém, só a minha família.”

Percebi que, durante a pandemia, um caminho dos adolescentes para manterem contato com os seus iguais foi uma maior adesão aos jogos virtuais. Porém, tenho pensado baseando--me em Soifer (1991) nos possíveis efeitos que alguns jogos podem ter sobre o psiquismo.

Evidentemente que penso que jogos ou filmes não criam o mundo interno do sujeito, os quais, em geral, são alvos de identificação projetiva. No entanto, inquieta-me o potencial risco que uma visão diária e intensa de violência e de assassinatos possa ter sobre o imaturo aparato psíquico do adolescente, o quanto isto pode criar um simulacro, interferindo sobre a crítica e sobre a banalização da violência.

Penso a pandemia como um trauma coletivo, sabemos que o traumático, por um prisma da economia psíquica, relaciona-se com excessos, e excessos, por vezes, impedem as narrativas.

Precisamos ajudar nossos jovens a dilatar o tempo, dando espaço ao tédio para que assim possam decantar suas experiências e, então, historizarem-se. A possibilidade do sujeito de ser incluído em uma história perpassada por vários tempos é o autoriza o jovem a construir novos sentidos, a narrar-se. E assim enlaçam-se em uma história chamada vida.

O fascínio pelo destino, pelo vir a ser, existe quando podemos apreciar e viver o trajeto que estamos percorrendo.

Referências

- Arendt, H. (2001). *Entre o passado e o futuro*. Perspectiva.
- Benjamin, W. (1989). *Obras escolhidas III*. Brasiliense (Original publicado em 1938).
- _____. (1993). *La metafísica de la juventude*.: Paidós Ibérica.
- _____. (1994). *Obras escolhidas I: magia, técnica, arte e política*. Brasiliense. (Original publicado em 1936).
- Bion, W. R. (1997). *Aprendiendo de la experiencia*. Paidós.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Artes Médicas.
- Erikson, E. (1976). *Infância e Sociedade*. Zahar.
- Knobel, M. (1973). El pensamiento y la temporalidade en el psicoanálisis de la adolescencia. In Aberastury, A. *Adolescência*. Karkiegan.
- Knobel, M. (1974). El síndrome de la adolescencia normal. In Aberastury, A. & Knobel, M. *La adolescencia normal*. Buenos Aires: Paidós.
- Soifer, R. (1991). *A criança e a TV*. Artes Médicas.
- Veloso, C. (1979). Oração ao Tempo. In *Álbum Cinema Transcedental*. Phillips Records.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago.